

ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A REALIZAÇÃO DOS DITONGOS /ai/, /ei/ E /ou/ NO FALAR AMAPAENSE

Antony Guilherme Baia Xisto¹
Nicole Abreu Figueiredo²
Romário Duarte Sanches³

Resumo: Este artigo traz uma descrição e análise dos condicionadores extralinguísticos em relação ao uso dos ditongos decrescentes orais /ai/, /ei/ e /ou/ no português falado nos municípios de Macapá, Santana e Mazagão, situados no Estado do Amapá. A coleta dos dados consistiu em aplicação *in loco* de questionário fonético-fonológico contendo 14 perguntas aplicadas a 24 informantes, estratificados socialmente (homens *versus* mulheres; jovens *versus* idosos; mais escolarizados *versus* menos escolarizados). O instrumento de pesquisa foi executado por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando como suporte técnico aplicativos de gravação de voz; e para armazenamento dos dados, utilizamos os recursos do *Google Drive*. Posteriormente, foram realizadas transcrições fonéticas das entrevistas e análise quantitativa das variáveis extralinguísticas, procurando evidenciar aspectos geográficos e sociais que possam ter condicionado os dados encontrados. Os resultados demonstraram que houve predominância da manutenção dos ditongos /ai/ e /ei/ em Macapá e Santana, já em Mazagão houve maior ocorrência para o apagamento do ditongo /ou/. Na variação diageracional, destaca-se a faixa etária II (acima de 45 anos) que tende a apagar mais a semivogal em /ai/, /ei/ e /ou/. Quanto à variação diastrática, em /ai/ e /ei/, os ditongos são mantidos por informantes de Ensino Superior Completo (ESC), já o ditongo/ou/ não se mostra condicionado pelo fator escolaridade.

Palavras-chave: Geossociolinguística; Variação Fonética; Ditongos.

¹ Acadêmico do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Macapá, Amapá, e-mail: guilhermebaiaxi@gmail.com

² Acadêmica do curso de Letras Português e Francês da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Macapá, Amapá, e-mail: nicoleabfigueiredo@gmail.com

³ Doutor em Letras (Linguística) e Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Campus Santana, Amapá, e-mail: romario.duarte@unifap.com

GEOSOCIOLINGUISTIC STUDY ON THE REALIZATION OF DIPHTHONGS /ai/, /ei/ AND /ou/ IN AMAPAENSE SPEECH

Abstract: This article provides a description and analysis of extralinguistic conditioners in relation to the use of the oral decreasing diphthongs /ai/, /ei/ and /ou/ in Portuguese spoken in the municipalities of Macapá, Santana and Mazagão, located in the State of Amapá. Data collection consisted of on-the-spot application of a phonetic-phonological questionnaire containing 14 questions applied to 24 socially stratified informants (men versus women; young versus elderly; more educated versus less educated). The research instrument was carried out through semi-structured interviews, using voice recording applications as technical support; and to store data, we use Google Drive resources. Subsequently, phonetic transcriptions of the interviews and quantitative analyzes of extralinguistic variables were carried out, looking for evident geographic and social aspects that may have conditioned the data found. The results demonstrated that there was a predominance of maintenance of the diphthongs /ai/ and /ei/ in Macapá and Santana, while in Mazagão there was a greater occurrence of the diphthong /ou/ being disconnected. In the diagenational variation, age group II (over 45 years old) stands out, which tends to delete the semivowel more in /ai/, /ei/ and /ou/. As for the diastratic variation, in /ai/ and /ei/, the diphthongs are interrupted by informants with Complete Higher Education (ESC), whereas the diphthong /ou/ is not conditioned by the education factor.

Keywords: Geosociolinguistics; Phonetic Variation; Diphthongs.

INTRODUÇÃO

Em princípio a variação presente na língua falada pode ser considerada como um “caos”, tendo em vista a multiplicidade de interesses envolvidos no ato de falar ou em razão da natureza multifacetada da própria fala. Entretanto, em análise mais profunda, há de se perceber que, subjacente a essa aparente desordem, existe uma regularidade sistematizada (LABOV, 1972; TARALLO, 1986).

Esse padrão perceptível refere-se aos elementos que influenciam na variação linguística, que é reconhecida como “[...] o processo pelo qual duas formas [ou mais] podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional” (COELHO *et al.*, 2018, p. 16), ou seja, no falar dos indivíduos estão presentes diversos usos linguísticos com o mesmo valor de verdade e, estes usos são inerentes à língua e estão presente em todos os níveis, sejam eles sintáticos, morfológicos, fonéticos ou lexicais.

Assim, é possível observar que a fala de um indivíduo pode ser moldada por uma variedade de fatores, como o contexto geográfico, a faixa

etária, o nível educacional, o status social e a situação comunicativa. Essa diversidade de influências, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas, contribui para que uma pessoa adote diferentes formas de expressão ao se comunicar. Um exemplo claro disso é a variação de ditongos do português brasileiro, evidenciada em pares como [bɛ'dejɾɐ] ~ [bɛ'derɐ] e ['bejzu] ~ ['bezu]. Essas nuances linguísticas representam escolhas que refletem não apenas aspectos fonéticos, mas também aspectos culturais e sociais, demonstrando como a linguagem é sensível às diversas influências que constituem a vida do falante.

A variação fonética referente aos ditongos é um fenômeno presente desde os primeiros estudos sociolinguísticos. Willian Labov em seu primeiro estudo, datado em 1963, discutia a variação sonora dos ditongos /aj/ e /ow/ na fala dos moradores da Ilha de *Martha's Vineyard*, uma pequena ilha situada na costa do Estado de *Massachusetts*, nos Estados Unidos. Durante sua pesquisa, Labov constatou que as variações ocorridas na ilha eram influenciadas por fatores sociais inerentes aos moradores, como: faixa etária, localização geográfica, categoria social e até mesmo nível de socialização com moradores e/ou turistas.

Posto isso, este estudo traz uma descrição e análise da realização variável dos ditongos decrescentes orais /ai/, /ei/ e /ou/ no português falado nos municípios de Macapá, Santana e Mazagão, situados no Estado do Amapá, condicionados aos fatores extralinguísticos referentes à variação diastrática, diassexual e diageracional.

O artigo encontra-se dividido em sete seções: i) Introdução; ii) Dialetoлогия, Sociolinguística e Geossociolinguística; iii) Ditongos decrescentes orais; iv) Ditongos no Amapá; v) Metodologia; vi) Discussões e resultados e vii) considerações finais.

DIALETOLOGIA, SOCIOLINGUÍSTICA E GEOSSOCIOLINGUÍSTICA

O falante é, a um só tempo, usuário e agente modificador de sua língua, imprimindo, nela, marcas geradas pelas novas situações com as quais se depara (MACEDO, 2018). Dessa forma, considera-se que a língua é dinâmica e está sujeita às mudanças influenciadas pelo contexto em que o falante se insere. Consequentemente, ao longo dos anos os diversos usos da língua se constituíram como um extenso *corpus* de investigação para algumas áreas como a Dialetoлогия e a Sociolinguística que, posteriormente, ao decorrer dos diversos estudos realizados deram origem a metodologias

específicas, como a Geossociolinguística, que refinaram as formas de abordagem e análise de dados linguísticos.

Câmara Jr. (1985) explica que a Dialectologia teve seu início na segunda metade do século XIX, com o linguista e dialetólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), que enfatizou a importância dos estudos dialetais a partir do estabelecimento de um estudo sobre os dialetos italianos existentes que resultou na sua obra *Archivio Glottológico Italiano* (1872). Concomitantemente, o linguista Gaston Paris empreendeu esforços para realizar um estudo dialetológico sobre os comportamentos linguísticos franceses. Desses dois autores, nasceu um grande debate sobre o conceito de dialeto que posteriormente culminou na criação da Geolinguística.

A palavra dialeto vem do grego *διάλεκτος* que significa “modo de falar”, e esta palavra grega é, por sua vez, um derivado do verbo *διαλέγομαι* que significa “falar uns com os outros”. Nesse sentido, acreditavam os gregos que um dialeto é “um modo interindividual de falar um tipo tradicional de discurso” (COSERIU, 1982, *tradução nossa*).

Conforme cita Cardoso (2010), a Dialectologia surgiu como uma “ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização”. Dessa forma, a autora destaca a importância de compreender a variação linguística como fenômeno natural e inerente ao falante, ao invés de julgá-la como formas inferiores ou inadequadas de expressão, ou seja, a variação linguística deixa de ser vista como um erro e passa a ser considerada como um objeto de estudo passível de análise científica.

Após anos de estudos sobre as diferenças dialetais, os dialetólogos perceberam que a variação linguística perpassava pelas fronteiras geográficas, isso porque entre os falantes existe uma complexa relação de intercâmbio. Por isso, se faz necessário estudar essas variedades no contexto social, histórico, político e cultural das comunidades.

Diversos foram os esforços para compreender a inter-relação entre língua e sociedade. Como forma de agregar aos estudos dialetológicos, houve a associação da Sociolinguística, isso porque os dialetos são, em essência, espaços geossociais. Assim, “os microssistemas inseridos na língua histórica tornam-se constructos sociais que se orientam pelas necessidades de seus falantes e que se espalham no espaço físico conforme se espalham seus usuários” (ARAÚJO, 2020).

A Sociolinguística, por sua vez, teve sua gênese no início da década de 1960, trazendo novos redimensionamentos aos estudos dialetais ao conceber de modo sistemático, o estudo da linguagem e/ou dos dialetos e sua relação com outros fatores sociais, tais como: os diassexuais (gênero), diageracionais (faixa etária), diafásicos (natureza do discurso) e diastráticos (nível social).

Conforme explica Tarallo (1986), vários estudos sociolinguísticos foram realizados ao longo dos anos, porém, foi Willian Labov quem preconizou essencialmente a sociolinguística enquanto campo de investigação, ao conceber a partir de seus estudos um modelo científico de análise pautado na relação entre língua e sociedade. Para fixar a sociolinguística variacionista, dois estudos realizados por Labov foram de extrema importância: a realização de ditongos na ilha de Martha's Vineyard e a realização do /R/ por americanos entrevistados em lojas de departamento de Nova York.

Labov (2008) defende que a língua é uma forma de comportamento social, ela é usada por seres humanos num contexto social comunicando suas ideias, emoções e necessidades uns aos outros; como o ser humano é um ser completamente subjetivo e heterogêneo, é racional que a língua possua várias maneiras de comunicar a mesma coisa.

Coelho *et al.* (2012) enfatizam que a questão fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social durante as análises linguísticas. Nessa perspectiva, a Sociolinguística se firma como uma ciência que analisa a relação entre língua e sociedade, bem como o estudo da estrutura e evolução da linguagem no contexto social da comunidade de fala.

Mollica (2012) explica que a Sociolinguística pode ser entendida como uma subárea da Linguística que estuda a língua em uso, considerando sua correlação com os aspectos sociais. Dessa forma, compreende-se que a sociolinguística vai além do estudo estritamente linguístico e adentra no domínio das interações sociais, buscando compreender como ela reflete e molda a dinâmica social de determinado grupo. Nesse sentido, Vieira (2021) explica que essa área de pesquisa reconhece que a linguagem não é apenas um fenômeno isolado, mas está intrinsecamente conectada aos contextos sociais, culturais e históricos nos quais é utilizada.

É pertinente salientar que tanto a Dialetoлогия quanto a Sociolinguística desempenham papéis distintos, cada uma oferecendo sua contribuição única para os estudos linguísticos. Segundo Cardoso (2010), apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, a Dialetoлогия, de um

lado, tem como base de sua descrição a localização espacial, configurando-se como eminentemente diatópica. A Sociolinguística surge como ponto de complementaridade, já que inclui nos estudos dialetológicos correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais.

A partir dessa nova perspectiva, Paim e Almeida (2019) explicam que a Dialetologia, na atualidade, analisa não apenas as variações regionais dos dialetos e falares de uma localidade particular, num enfoque monodimensional, mas também as variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diassexuais, as variações culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e estilo de fala nas análises dos dados.

Ao introduzirem a vertente social no campo de análise dialetológica, deu-se início a novas formas metodológicas, como a Geolinguística. Método, por excelência, que analisa a variação linguística por meio da cartografia linguística. Seu objeto de estudo são os dialetos, os primeiros trabalhos nessa área surgiram em 1876 com as pesquisas de Georg Wenker sobre os dialetos alemães, além das pesquisas de Jules Gilliéron e de Edmond Edmont, de 1897 a 1901, as quais resultaram no *Atlas Linguistique de La France – ALF*

Assim, a Geolinguística se apresenta como método de pesquisa, porque organiza os estudos empreendidos no campo da Dialetologia, esta por sua vez é considerada uma ciência da linguagem. Em síntese, a Geolinguística é, dessa forma, um modo de sistematização da Dialetologia. (MACEDO, 2012)

No transcorrer da história, foram sendo realizadas diversas mudanças metodológicas caracterizadas pela ampliação do espectro de interesses, resultando em análises sob uma perspectiva pluridimensional. Tais mudanças no caminho da Geolinguística resultaram na Geossociolinguística, termo introduzido por Abdelhak Razky durante a criação do Atlas Linguístico do Pará (ALiPA), em 1996. A Geossociolinguística é “uma abordagem de variação sustentada num tripé de fatores condicionantes: espacial, social e linguístico, sem abrimos mão também da perspectiva temporal” (LIMA; OLIVEIRA; RAZKY, 2020, p. 15).

Sanches (2019) complementa essa perspectiva evidenciando que a Geossociolinguística intenciona controlar os aspectos geográficos e sociais da variação linguística de forma simultânea, buscando explicar como se

interrelacionam durante o comportamento linguístico dos falantes. Ao correlacionar o ambiente geográfico com suas características sociais essa perspectiva pode oferecer uma representação mais autêntica e pluridimensional sobre a variabilidade linguística do português brasileiro (RAZKY; GUEDES, 2019).

OS DITONGOS DECRESCENTES ORAIS /ai/, /ei/ e /ou/

Embora este estudo não se atenha especificamente a questões fonológicas, ainda assim torna-se necessário compreender o comportamento fonológico dos ditongos crescentes orais /ai/, /ei/ e /ou/⁴ no português brasileiro, com ênfase nas variantes fonéticas realizadas pelos falantes.

Quednau (2004) afirma que a redução dos ditongos crescentes já era realizada desde o latim clássico, onde os ditongos /ae/, /oe/, /au/ e /eu/ eram reduzidos a vogais simples, como no caso do ditongo /au/ que apresentava uma variante /o/, rejeitada pela disciplina gramatical, mas que tornou preponderante em Roma e em grande parte da România.

Sobre o português brasileiro, Câmara Jr. (1977) propõe que o ditongo decrescente apresenta um centro silábico polifonemático, constituído por uma vogal silábica e uma vogal assilábica, [j] ou [w]. Toledo (2010) complementa afirmando que existem 12 ditongos no português brasileiro, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1. Os ditongos decrescentes no Brasil

Vogal + Glide Palatal /j/		Vogal + Glide Velar /w/	
/aj/	pai	/aw/	saudade
/ej/	leite	/ew/	esqueceu
/oj/	moita	/ow/	ouriço
/uj/	fui	/éw/	réu
/ej/	pastéis	/iw/	pediu
/ój/	herói	/ów/	sol

Fonte: Toledo (2010).

⁴ Usaremos para representação das semivogais nos ditongos os fonemas: /i/ e /u/, conforme empregado para o Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Vale destacar que outros fonemas podem aparecer ao longo do texto para representar as semivogais como /j/ e /w/, conforme os autores citam em seus estudos.

Bisol (1994), ao investigar a forma subjacente que constitui os ditongos [aj], [ej] e [ow], classifica os ditongos em verdadeiros e falsos. Os ditongos verdadeiros são definidos como aqueles que não são passíveis de redução sendo constituído na forma subjacente por duas vogais como na palavra *pai*. Já os ditongos falsos são resultados do espriamento do nó vocálico da consoante que o segue, possuindo apenas uma vogal na forma subjacente, como na palavra *peixe*. Dessa forma, os ditongos falsos são passíveis de fenômenos variáveis como a monotongação (redução do glide).

DITONGOS DECRESCENTES ORAIS NO FALAR AMAPAENSE

O campo de investigação voltado para a variação linguística no Amapá ainda se encontra em um processo de amadurecimento, os estudos realizados nesta área ainda são recentes. Porém, pode-se citar a criação do Atlas Linguístico Amapaense (ALAP), que segundo Razky, Ribeiro e Sanches (2017) tem como principal objetivo a descrição e o mapeamento do português brasileiro falado em 10 localidades do Estado do Amapá, procurando evidenciar as variedades linguísticas voltadas aos aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais característicos de cada localidade.

Os dados do projeto ALAP foram coletados no período de 2012 a 2014, dentre os resultados publicados, encontram-se a realização de ditongos /ei/, /ai/ e /ou/, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Realização dos ditongos /ei/, /ai/ e /ou/ no Amapá

DITONGO	AUSÊNCIA	PRESENÇA
CARTA F08: /ei/	42%	58%
CARTA F09: /ai/	54%	46%
CARTA F10: /ou/	42%	58%

Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017).

Os dados demonstram que a tendência geral nos 10 municípios investigados foi a presença/manutenção dos ditongos /ei/ e /ou/ e a ausência/apagamento do ditongo /ai/.

Tabela 2. Realização dos ditongos /ei/, /ai/ e /ou/ em Macapá, Santana e Mazagão

Pontos Ditongos	RESULTADOS		
	CARTA F08 /ei/	CARTA F09 /ai/	CARTA F10 /ou/
Macapá	>50% (presença)	75% (ausência)	>75% (presença)
Mazagão	75% (presença)	75% (presença)	= 50% (p.n.)
Santana	75% (presença)	75% (ausência)	75% (presença)

Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017).

Já em relação aos municípios de Macapá, Santana e Mazagão (também investigados neste estudo), os dados demonstram que o ditongo /ei/, nas três localidades, se apresenta mais evidente, entretanto, em Macapá há uma ocorrência relativamente mais baixa. Quanto ao ditongo /ai/, os municípios de Macapá e Mazagão registram percentualmente maior presença, por outro lado, Santana registra uma ocorrência menor do uso do ditongo /ai/. Já em relação ao ditongo /ou/, Macapá e Santana demonstram registros de manutenção e Mazagão, por outro lado, mantém utilização próxima do ponto neutro, ou seja, proporcionalmente metade dos respondentes utilizam ou apagam o ditongo /ou/.

METODOLOGIA

Quanto ao percurso metodológico, optou-se pela abordagem da geossociolinguística proposta por Razky (1996; 2010) com o objetivo de compreender de forma pluridimensional as variantes fonéticas presentes nos ditongos decrescentes /ai/, /ei/ e /ou/ por falantes do Estado do Amapá.

Dessa forma, para realização deste estudo foram selecionados no total de 24 informantes, sendo oito informantes por localidade, distribuídos em grupos estratificados, conforme o sexo, a escolaridade e a idade, conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Perfil dos informantes

Idade	Sexo	Escolaridade	Município
19	F	Ensino médio	Macapá-AP
60	F	Ensino médio	Macapá-AP
52	F	Ensino superior	Macapá-AP

30	F	Ensino superior	Macapá-AP
76	M	Ensino fundamental	Macapá-AP
21	M	Ensino médio	Macapá-AP
22	M	Ensino superior	Macapá-AP
50	M	Ensino superior	Macapá-AP
58	F	Ensino médio	Santana-AP
23	F	Ensino médio	Santana-AP
28	F	Ensino superior	Santana-AP
50	F	Ensino superior	Santana-AP
22	M	Ensino médio	Santana-AP
58	M	Ensino médio	Santana-AP
50	M	Ensino superior	Santana-AP
25	M	Ensino superior	Santana-AP
76	F	Ensino fundamental	Mazagão-AP
20	F	Ensino médio	Mazagão-AP
24	F	Ensino superior	Mazagão-AP
65	F	Ensino superior	Mazagão-AP
63	M	Ensino médio	Mazagão-AP
23	M	Ensino médio	Mazagão-AP
29	M	Ensino superior	Mazagão-AP
55	M	Ensino superior	Mazagão-AP

Fonte: Elaborado pelos autores

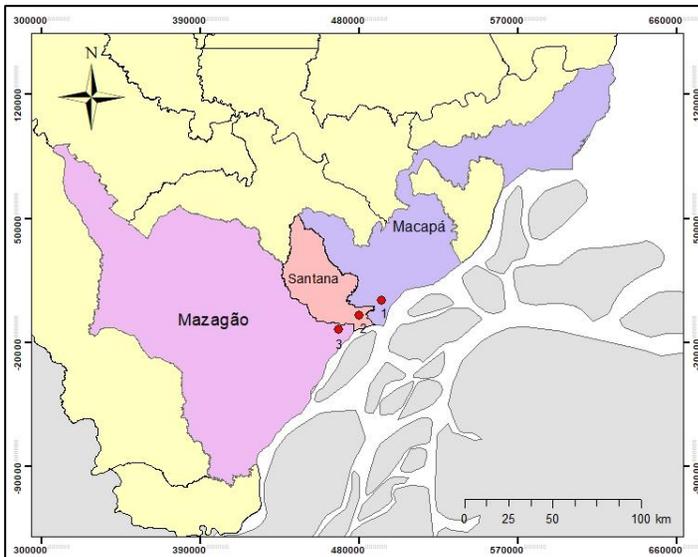
Quanto aos pontos de inquérito foram selecionadas as cidades de Macapá, Santana e Mazagão. Abaixo encontram-se algumas informações histórico-geográficas sobre os municípios a partir de um recorte do censo do IBGE (2022):

- a. *Macapá:* Elevado à categoria de Município pela lei nº 281/1856 e firmado como capital do Estado do Amapá em 1988. Em divisão territorial datada de 2005, o município é constituído de 5 distritos: Macapá, Bailique, Carapanantuba, Fazendinha e São Joaquim do Pacuí. Localizado na mesorregião sul do amapá atualmente tem uma população de 442.933 mil habitantes distribuídos em uma área territorial de 6.563 km²
- b. *Santana:* Teve início do agrupamento populacional em Ilha de Santana, localizada à margem do rio Amazonas, em 1753. Foi elevado à categoria de município sob a Lei Federal n.º 7.639/1987. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído de

6 distritos: Santana, Anauerapucu, Igarapé do Lago, Ilha de Santana, Piaçacá e Pirativa. Localizado na mesorregião sul do amapá, Santana conta com 107.618 mil habitantes em uma área territorial 1.541km²

- c. *Mazagão*: Foi estabelecido como município em 1993, sob efeitos do Decreto Estadual nº 931/1993. Conforme a divisão territorial datada de 1995, o município é constituído por 3 distritos: Mazagão, Carvão e Mazagão Velho. Localizado na mesorregião sul do Amapá, atualmente o município conta com uma população de 21.924 mil habitantes estabelecidos em uma área territorial de aproximadamente 13.294 km²

Figura 1. Pontos de inquérito



Fonte: Elaborada pelos autores.

Os dados que compõem o *corpus* deste trabalho, foram coletados a partir de aplicação de questionário fonético-fonológico semiestruturado (QFF) e gravação de voz. O QFF utilizado neste estudo foi adaptado a partir do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) com ênfase nos seguintes itens e contextos fonéticos:

Quadro 3. Seleção dos itens pesquisados

Classificação do segmento	Contexto linguístico	Itens lexicais utilizados
Ditongo oral decrescente [eɪ]	Antes de [f], [r], [ʒ] e [g]	prateleira, manteiga, bandeira, traveseiro, torneira, peixe, peneira, companheiro, beijar
Ditongo oral decrescente [aɪ]	Antes de [f]	caixa, baixa
Ditongo oral decrescente [ou]	Antes de [d] e [r]	ouvido, loura, tesoura

Fonte: Elaborado pelos autores.

A coleta de dados foi realizada no período de abril a setembro de 2023. Para a análise dos dados coletados foi utilizado o programa *Microsoft Excel* para criação de planilhas com os dados levantados na pesquisa e posterior organização em tabelas, gráficos e mapas diatópicos. Por fim, para a elaboração dos mapas fonéticos, utilizamos o programa de design gráfico *Inkscape*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discutiremos nesta seção a variação diatópica, diassexual, diageracional e diastrática dos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/ na fala de amapaenses, respectivamente moradores dos municípios de Macapá, Santana e Mazagão.

Inicialmente, apresentaremos a análise dos dados coletados que correspondem ao ditongo /ai/, considerando os fatores localidade, sexo, idade e escolaridade. Após isso, seguiremos com a análise dos dados referentes aos ditongos /ei/ e /ou/.

Tabela 3. Ocorrência por localidade do ditongo /ai/

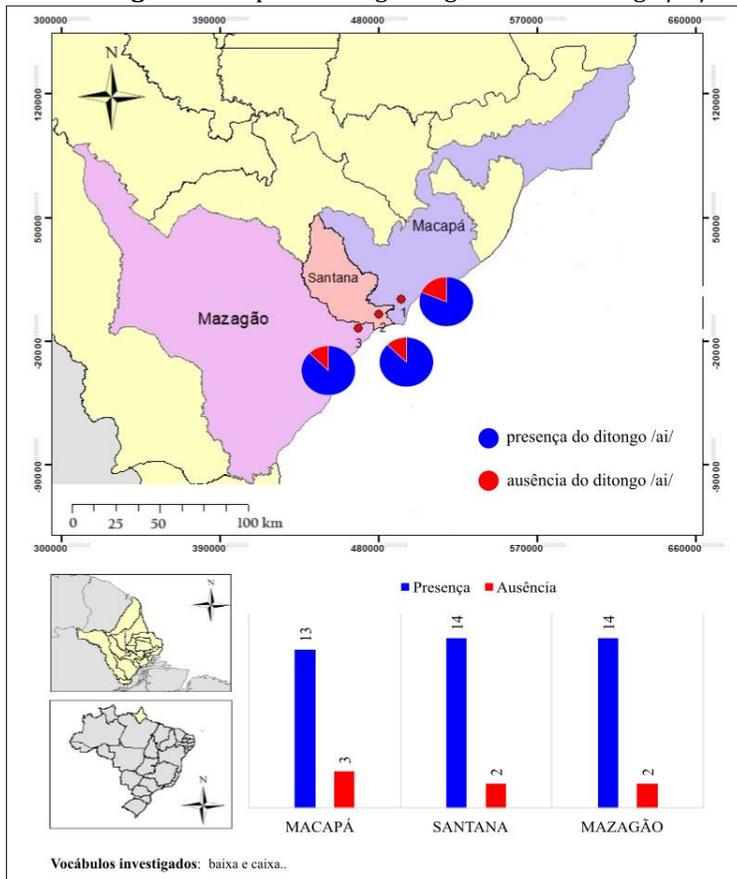
Localidade	Presença		Ausência	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Macapá	13	81,2%	3	18,7%
Santana	14	87,5%	2	12,5%
Mazagão	14	87,5%	2	12,5%
Total	41	85,41%	7	14,58%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 3 mostra a presença e a ausência do ditongo /ai/ de acordo com a localidade. Sendo assim, o ponto 01 (Macapá) obteve 81,2% de presença e 18,7% de ausência. O ponto 02 (Santana) obteve 87,5% de presença e 12,5% de ausência e no ponto 03 (Mazagão) com 87,5% de presença e 12,5% de ausência.

Com a soma dos resultados obtivemos 85,4% de presença e 14,5% de ausência das ocorrências nos três municípios analisados. Podemos ver na figura 2 que nos pontos 01 (Macapá), 02 (Santana) e 03 (Mazagão) há a predominância da presença do ditongo /ai/ na fala dos informantes, com poucas ocorrências de ausência.

Figura 2. Mapeamento geolinguístico do ditongo /ai/

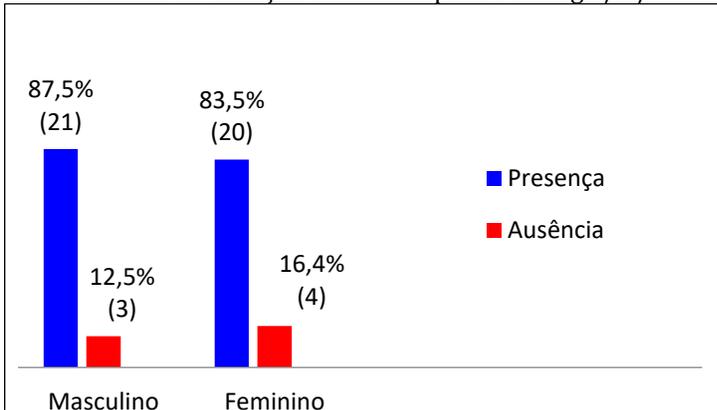


Fonte: Elaborada pelos autores.

v. 26 n. 67, jul./set. 2024

Podemos destacar a partir da amostra coletada que a variável localidade não está influenciando na presença ou na ausência ditongo /ai/, uma vez que os níveis de frequência foram próximos.

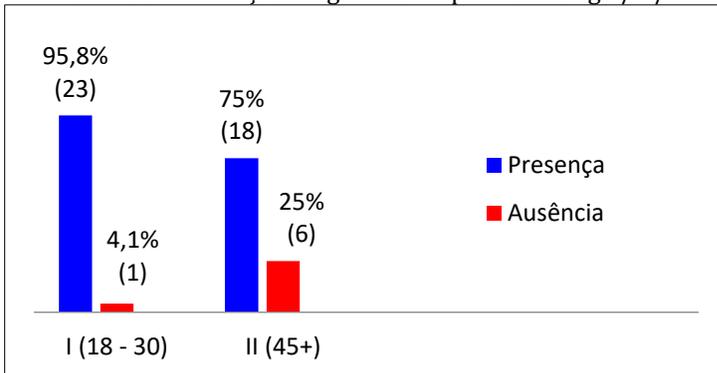
Gráfico 1. Variação diasssexual para o ditongo /ai/



Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre a variável sexo, é possível observar no Gráfico 1 que há 87,5% de presença e 12,5% de ausência do ditongo /ai/ na fala dos informantes do sexo masculino e 83,5% de presença e 16,4% de ausência do ditongo na fala do sexo feminino. Com isso, esta variável também parece não condicionar o uso do referido ditongo.

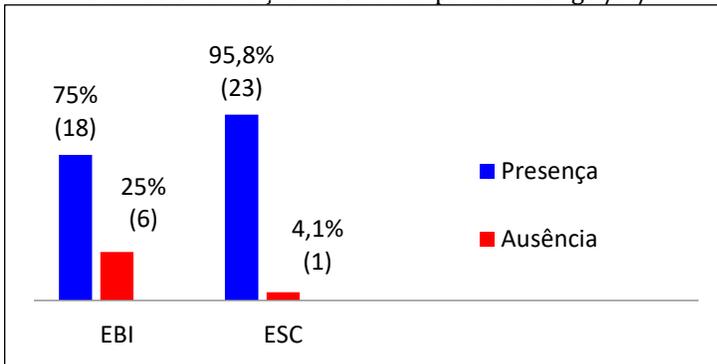
Gráfico 2. Variação diageracional para o ditongo /ai/



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à variável idade, notamos que há 95,8% de presença e 4,1% de ausência do ditongo /ai/ na fala dos informantes da faixa etária I (18-30 anos); e 75% de presença e 25% de ausência na fala dos informantes da faixa etária II (acima de 45 anos). Considerando uma diferença de um pouco mais de 20%, podemos dizer que a idade pode ser fator que tende a condicionar a realização do ditongo /ai/.

Gráfico 3. Variação diastrática para o ditongo /ai/



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para o fator escolaridade, identificamos 75% de presença e 25% de ausência na fala dos informantes com o Ensino Básico Incompleto (EBI), e 95,8% de presença e 4,1% de ausência na fala dos informantes com o Ensino Superior Completo (ESC), para o uso do ditongo /ai/. Semelhante ao Gráfico 2, temos aqui uma diferença de cerca de 20% entre os níveis de escolaridade, observando que há certa influência no que tange à realização do ditongo /ai/.

Tabela 4. Ocorrência por localidade do ditongo /ei/

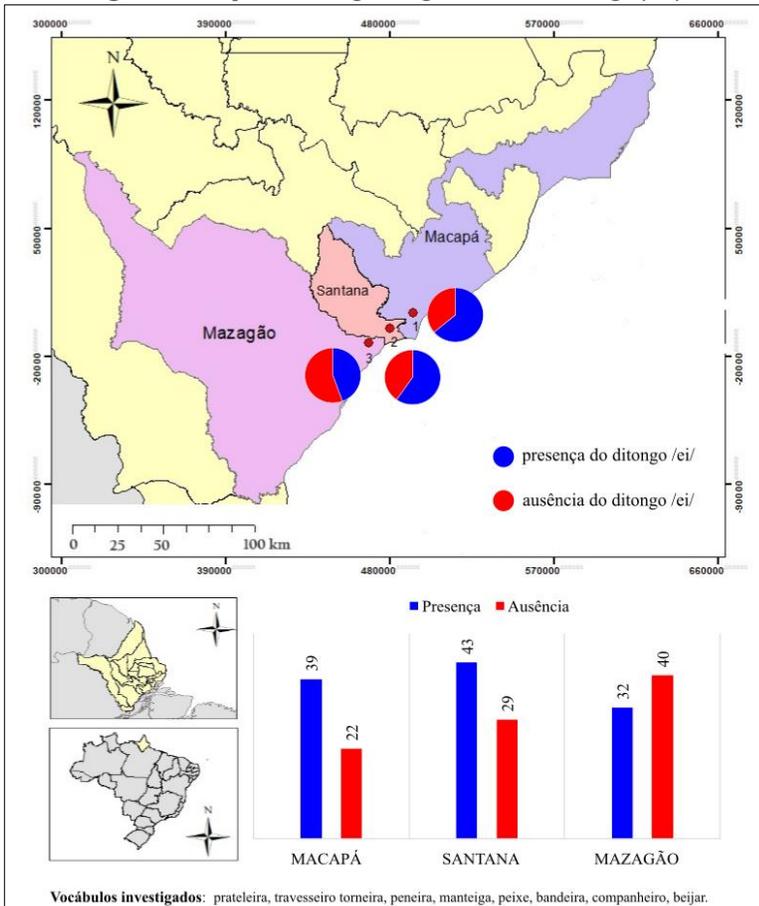
Localidade	Presença		Ausência	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Macapá	39	63,9%	22	36%
Santana	43	59,7%	29	40,2%
Mazagão	32	44,4%	40	55,5%
Total	114	55,60%	91	44,39%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Sobre o ditongo /ei/, a Tabela 4 mostra os números de ocorrência e a porcentagem de presença e ausência do ditongo /ei/ de acordo com a v. 26 n. 67, jul./set. 2024

localidade. Dessa forma, no ponto 01 (Macapá) obtivemos 63,9% de presença e 36% de ausência. No ponto 02 (Santana) registramos 59,7% de presença e 40,2% de ausência e no ponto 03 (Mazagão) com 44,4% de presença e 55,5% de ausência.

Figura 3. Mapeamento geolinguístico do ditongo /ei/

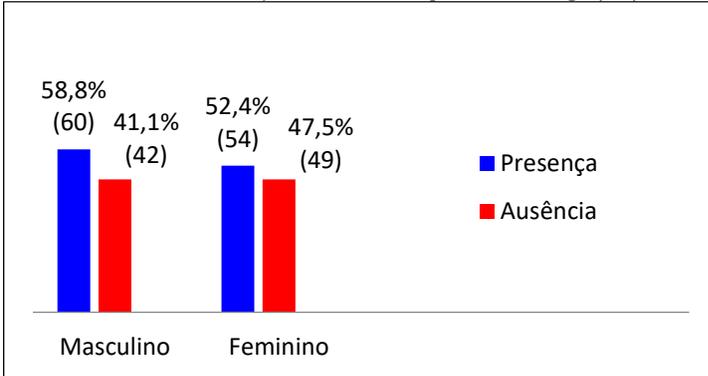


Fonte: Elaborada pelos autores.

No mapeamento fonético, Figura 3, podemos verificar a predominância da presença do ditongo nos pontos 01 (Macapá) e 02 (Santana). Já no ponto 03 (Mazagão) é possível observar que o grau de

manutenção do ditongo fica perto do ponto neutro, mas o resultado preponderante é a ausência do ditongo pelos falantes.

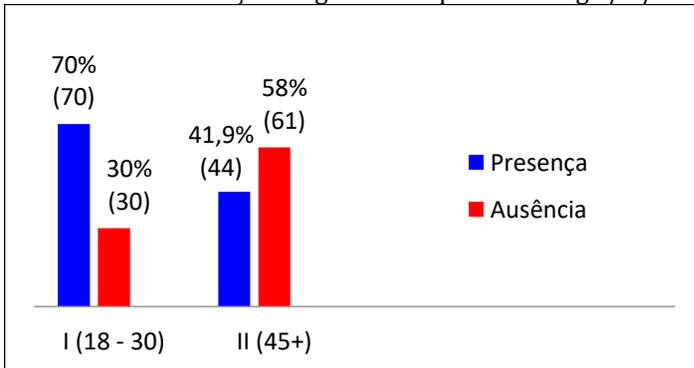
Gráfico 4. Variação diasssexual para o ditongo /ei/



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação à variação diasssexual, observamos no Gráfico 4 que há 58,8% de presença e 41,1% de ausência do ditongo /ei/ na fala dos informantes do sexo masculino; e 52,4% de presença e 47,5% de ausência do ditongo na fala dos informantes do sexo feminino. Podemos dizer que há uma pequena influência da variável diasssexual na realização do ditongo, levando em consideração a diferença de um pouco mais de 6% quando comparado a fala de ambos os sexos.

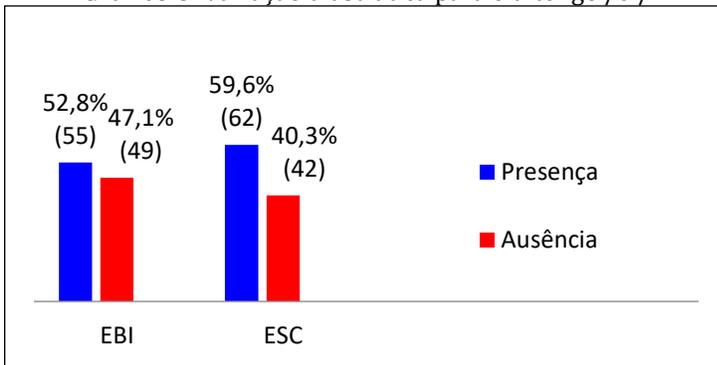
Gráfico 5. Variação diageracional para o ditongo /ei/



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Gráfico 5, sobre a variação diageracional, podemos notar que há 70% de presença e 30% de ausência na fala dos informantes da faixa etária I (18-30 anos); e 41,9% de presença e 58% de ausência da manutenção do ditongo /ei/ na fala dos informantes da faixa etária II. Notamos que a diferença da manutenção dos ditongos entre as idades, nos leva a considerar que, em questão de idade, há certo condicionamento na realização do ditongo /ei/, destacando também que na faixa etária II (acima de 45 anos) houve predominância quanto à ausência do ditongo /ei/ pelos falantes.

Gráfico 6. Variação diastrática para o ditongo /ei/



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito a variação diastrática para o ditongo /ei/, tivemos 52,8% de presença e 47,1% de ausência na fala de informantes EBI (Ensino Básico Incompleto); e 59,6% de presença e 40,3% de ausência na fala de informantes ESC (Ensino Superior Completo). Com isso, percebemos que há certa predominância da manutenção do ditongo /ei/ na fala dos informantes mais escolarizados.

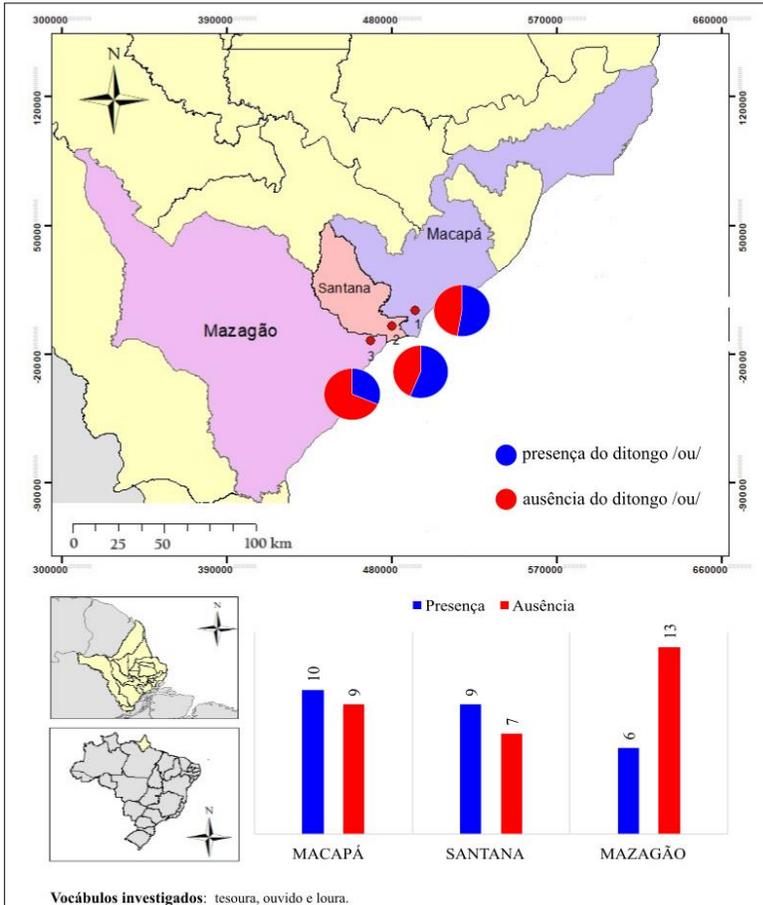
Tabela 5. Ocorrência por localidade do ditongo /ou/

Localidade	Presença		Ausência	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Macapá	10	52,6%	9	47,3%
Santana	9	56,2%	7	43,7%
Mazagão	6	31,5%	13	68,4%
Total	25	46,2%	29	53,7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 5, apresentamos a frequência de presença e ausência para o ditongo /ou/, conforme a localidade. Deste modo, o ponto 01 (Macapá) apresentou 52,6% de presença e 47,3% de ausência. O ponto 02 (Santana) obteve 56,2% de presença e 43,7% de ausência e no ponto 03 (Mazagão) com 31,5% de presença e 68,4% de ausência.

Figura 4. Mapeamento geolinguístico do ditongo /ou/

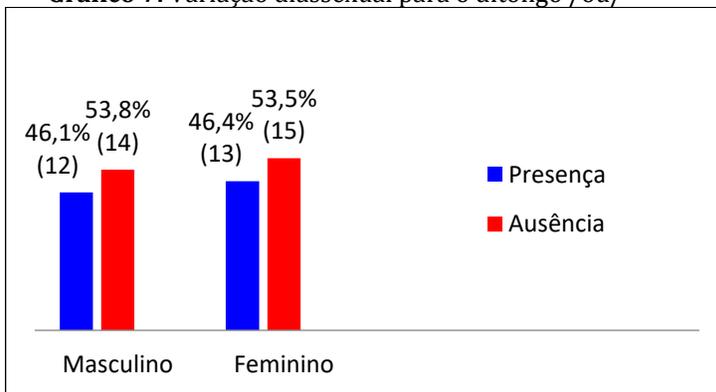


Fonte: Elaborada pelos autores.

No mapeamento fonético do ditongo /ou/, Figura 4, há certa semelhança de realização quando comparado ao mapeamento fonético para o ditongo /ei/, Figura 3. A Figura 4 mostra que nos pontos 01

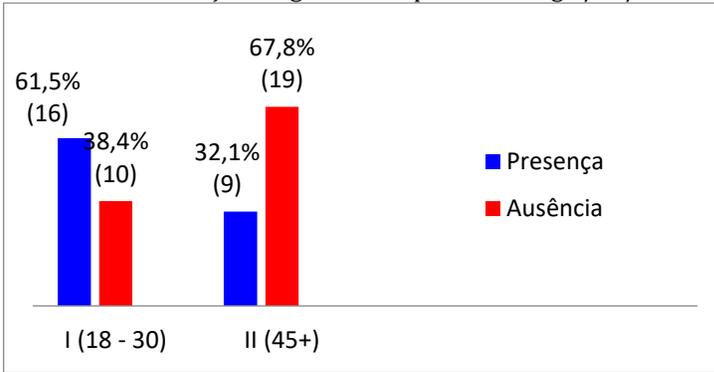
(Macapá) e 02 (Santana) há uma pequena diferença de realização entre presença e ausência, já no ponto 03 (Mazagão) há a predominância de ausência da realização do ditongo /ou/, ocorrendo com 68,4%, isto é, percebemos uma alta frequência para o apagamento da semivogal na fala dos informantes mazaganenses em comparação com a fala de macapaenses e santanenses. É importante mencionar ainda que, durante a análise dos dados referentes ao ditongo /ou/, nos 3 municípios investigados, aproximadamente 75% do total dos respondentes realizaram palatalização da semivogal /w/ para /j/ na palavra “loura”, ou seja, a pronúncia predominante foi [lɔj.re].

Gráfico 7. Variação diasssexual para o ditongo /ou/



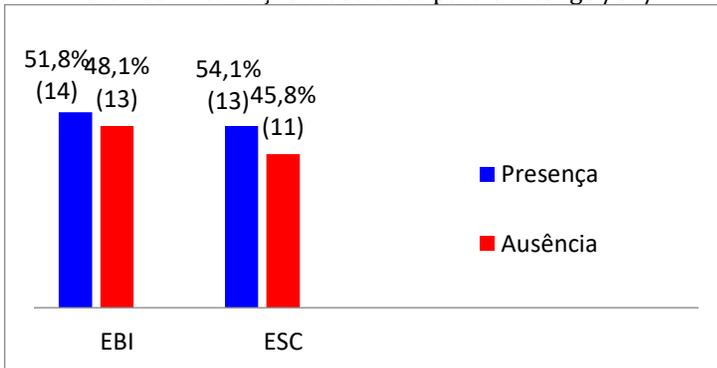
Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre a variação diasssexual para o ditongo /ou/, Gráfico 7, observamos 46,1% de presença e 53,8% de ausência no fala dos informantes do sexo masculino; e 46,4% de presença e 53,5% de ausência na fala do sexo feminino. Notamos que o fator sexo não condiciona a realização do ditongo /ou/, mas é possível observar que na fala de ambos os sexos a tendência é apagar a semivogal [w].

Gráfico 8. Variação diageracional para o ditongo /ou/

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na análise da variação diageracional, conforme Gráfico 8, há 61,5% de presença e 38,4% de ausência da manutenção do ditongo /ou/ na fala dos informantes da faixa etária I (18-30 anos); e 32,1% de presença e 67,8% de ausência na fala de informantes da faixa etária II (acima de 45 anos). Assim, registramos nesta variável que há a predominância da ausência do ditongo /ou/ na fala do grupo etário II, indicando possível condicionamento da variável idade.

Gráfico 9. Variação diastrática para o ditongo /ou/

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por último, analisamos a variável diastrática, Gráfico 9, que aponta para 51,8% de presença e 48,1% de ausência do ditongo /ou/ na fala de

informantes EBI (Ensino Básico Incompleto); e 54,1% de presença e 45,8% de ausência na fala de informantes ESC (Ensino Superior Incompleto). A partir desse resultado, concluímos que a escolaridade parece não condicionar o uso do ditongo /ou/.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos a variação dos ditongos crescentes orais /ei/, /ai/ e /ou/ falados no Estado do Amapá a partir de uma amostra de 24 informantes dos municípios de Macapá, Santana e Mazagão. Na análise da variação diatópica, podemos concluir que teve lugar a predominância da manutenção dos ditongos /ai/ e /ei/ em Macapá e Santana, já em Mazagão houve maior ocorrência para o apagamento do ditongo /ou/.

Quando se trata da variação diassexual, no ditongo /ai/ há uma predominância da realização deste ditongo na fala de ambos sexos. No caso do ditongo /ei/, houve maior ocorrência na fala dos homens, com uma diferença de 6% quando comparado ao sexo feminino. Quanto ao ditongo /ou/, os dois sexos tiveram porcentagens semelhantes, mas o que predominou foi a ausência do ditongo na fala de ambos os grupos.

No que diz respeito à variação diageracional, destaca-se a faixa etária II (acima de 45 anos) que tende a apagar mais a semivogal nos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/. Quanto à variação diastrática, em /ai/ e /ei/, os ditongos são mantidos por informantes de Ensino Superior Completo (ESC), já o ditongo /ou/ não se mostra condicionado pelo fator escolaridade.

Sobre os ditongos investigados, vale destacar o ditongo /ou/, pois, notou-se que aproximadamente 75% das respostas dadas pelos informantes para o vocábulo “loura” manifestaram a realização de outra semivogal não esperada, isto é, a variante [j] ([low. rɐ] > [loj.rɐ]). Para este estudo, desconsideramos a variação fonética entre [w] ~ [j], no entanto, este resultado estabelece bases para a realização de pesquisas subsequentes, proporcionando uma oportunidade para a investigação mais aprofundada e o desenvolvimento de pesquisas adicionais quanto à variação fonética estabelecida no ditongo /ou/.

Quanto aos limites desta pesquisa, destaca-se que os dados foram analisados apenas sob à luz dos fatores extralinguísticos, desta forma, este estudo abre precedentes para que sejam desenvolvidas pesquisas sobre os fatores intralinguísticos que influenciam na realização ou não dos ditongos crescentes orais na fala de amapaenses.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leandro Silveira de. Dialectologia: a Dimensão Espacial da Variação Linguística. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 4, n. 1, p. 50-60, 2020.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, Izete Lehmkul et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas; Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialectologia no Brasil**. Editora Contexto. São Paulo, 1994.

IBGE. **Panorama do censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> acesso em: 23 jan 2024

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros. A metodologia geossociolinguística. In: LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de (org.) **Estudos geossociolinguísticos do Português Brasileiro**: volume 2. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020. p. 11- 47.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um Balanço Crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, mai-ago, 2012.

MACEDO, Maria Verônica Ramos de. **A Constituição de Subáreas Dialectais no Falar da Bahia**: Cartas Léxicas Gerais e de Subáreas. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 09-14

PAIM, Marcela Moura Torres; ALMEIDA, Laura Camila Bráz. Dialectologia e ensino: contribuições do Atlas Linguístico do Brasil. **Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.

QUEDNAU, Laura. Rosane. Os ditongos do latim ao português. In: **XI Semana de Letras**: novos e velhos horizontes, 2004, Porto Alegre. Livro de programação e resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 56.

RAZKY, Abdelhak, GUEDES, Regis. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. **Revista Géolinguistique**. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes. n. 15. 2015.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste; SANCHES, Romário. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 303-317, 2017.

SANCHES, Romário. Variação fonético-fonológica no Amapá: uma proposta de análise geossociolinguística. **Revista MOARA**, p. 150-164, 2020.

SANCHES, Romário; RAZKY, Abdelhak. Análise geossociolinguística das designações para fanhoso nas capitais brasileiras. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 1-22, 2021.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática. 1986.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. Estudo em tempo real da monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de Porto Alegre. **Revista Letrônica**, v. 6, p. 94-107, 2013.

VIEIRA, Nancy Mendes Torres. **Monotongação de ditongos orais no português brasileiro**: uma revisão sistemática da literatura. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

Recebido em 26-01-2024
Aprovado em 25-04-2024